

* Artigo Original

Em nome do progresso da ciência e da saúde: a participação dos pacientes na cobertura do julgamento da legalidade das pesquisas com células-tronco embrionárias no Brasil.

Antonio Marcos Pereira Brotas

Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) Bahia. Doutor em Cultura e Sociedade (UFBA), mestre em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA). Tecnologista em saúde pública do Centro de Pesquisa Gonçalo Moniz (Fiocruz Bahia).
ambrotas@gmail.com

Simone Terezinha Bortoliero

Universidade Federal da Bahia (UFBA). Doutora em Comunicação Social (UMESP), na área de Comunicação Científica e Tecnológica. Professora da Universidade Federal da Bahia. Coordenadora da Agencia de Notícias em CT&I da UFBA e do Laboratório de TV e Vídeo da FACOM-UFBA.
bortolie@gmail.com

DOI: 10.3395/reciis.v6i4.662pt

Resumo

A cobertura noticiosa da ciência da ciência e da saúde é ordinariamente marcada pela hegemônica, quase exclusividade, das fontes especializadas, principalmente pelos cientistas e médicos. Outros profissionais de saúde, gestores e pacientes esporadicamente são convocados a participar, a não ser enquanto confirmadores de informações já referendadas por fontes chamadas especializadas. O objetivo desta pesquisa é analisar a participação dos pacientes na cobertura realizada pelas revistas semanais brasileiras (*Veja*, *Época*, *Carta Capital* e *Isto É*) sobre a controvérsia do uso de embriões humanos nas pesquisas com células-tronco, que culminou com o julgamento da Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIN 3150) pelo Supremo Tribunal Federal (STF). O movimento e associações realizados pelos pacientes, capturados pelo texto jornalístico, seja para apoiar, condenar ou mesmo abster-se em relação à aprovação das pesquisas, indica os embates contemporâneos entre saberes e a legitimidade pública dos mesmos, bem como evidencia as estratégias que os agentes utilizar para buscar uma inserção mais competitiva no debate público. A mobilidade argumentativa permite o uso de enquadramentos diversos na luta pela opinião pública.

Palavras-Chave: Comunicação e saúde; Participação de pacientes; Células-tronco, Controvérsias públicas; Translação de interesses.

Introdução

A cobertura da ciência e da tecnologia está concentrada na divulgação de produtos e descobertas. Na área da biotecnologia, este trabalho implica em tornar público os novos

medicamentos, os novos conhecimentos sobre mecanismos celulares ou moleculares, e as novas terapias. As notícias e reportagens geralmente anunciam a novidade como uma saudação ao conhecimento que se objetivou nas maravilhas tecnológicas (CASCAIS, 2003).

De forma tácita, este modelo de jornalismo sobre a ciência assume e difunde publicamente a percepção de que a produção dos fatos científicos não interessa a outros agentes. Apenas os cientistas estariam autorizados a falar em nome das questões que envolvem a ciência. O modelo, que se tornou hegemônico, toma a divulgação como suficiente para a compreensão pública da ciência e busca impor-se mesmo em momentos de controvérsia pública, quando os fatos científicos não estão consolidados (LATOURE, 2000, 2001; ABROMOVAY, 2007; MONTEIRO, 2009).

A análise da controvérsia em torno das células-tronco embrionárias no Brasil confirma em certa medida a manutenção deste modelo, mas, ao mesmo tempo, aponta que a cobertura jornalística de uma controvérsia apresenta variações importantes ao indicar elementos da rede de produção dos fatos científicos, uma vez que nestas ocasiões os cientistas tendem a demonstrar mais facilmente que o laboratório sozinho não garante a estabilização destes fatos. Os cientistas entram publicamente em ação e articulam a defesa dos seus interesses com movimentos de pacientes, jornalistas, promovendo tensões com o modelo de divulgação calcado na divulgação de experimentos bem sucedidos.

A teoria do enquadramento foi utilizada para mapear os movimentos dos agentes envolvidos na controvérsia. Demonstrou-se, sobretudo que os quadros são acionados e explicitados em associações, por pesquisadores, pacientes e outros agentes. Estas associações não estão previamente definidas, ocorrendo a depender das situações e dos agentes envolvidos. Por isso, os pacientes participam da controvérsia recorrendo a quadros do progresso, político e ético em função do lugar que assumem na controvérsia.

A publicização das controversas células-tronco embrionária

Desde a década de 1960, as células-tronco¹ são investigadas como passíveis de se tornarem alternativas terapêuticas na medicina. A capacidade destas células em produzirem cópias idênticas de si mesma (*self replicante*), de se auto-renovarem (*self renewing*), além de se diferenciarem em diversos tecidos humanos especializados, tais como cardíacas, hepáticas, ilhotas pancreáticas e células nervosas, chamou a atenção de cientistas de todo o mundo, gerando euforia entre pesquisadores da área biomédica (PEREIRA, 2008).

Diversas são as fontes de obtenção das células-tronco. Elas podem ser extraídas do couro cabeludo, cérebro, retina, pele, medula óssea, músculos, polpa de dente de leite, no tecido adiposo, do sangue do cordão umbilical, entre outras. As células-tronco podem ser classificadas em relação a seu estágio de desenvolvimento em embrionárias ou adultas. Considera por muitos pesquisadores como uma das mais "extraordinárias células já descobertas" (OKARMA, 2006, p. 3), por sua capacidade de pluripotência e pela renovação infinita, as células-tronco embrionárias tornam-se amplamente conhecidas, somente a partir

¹ "célula-tronco é uma espécie particular de célula que tem a singular capacidade de renovar-se e dar origem a células especializadas. Diferentemente da maioria das células do corpo, como as células do coração ou da pele, que são comprometidas a conduzir uma função específica, a célula-tronco não está comprometida e permanece não comprometida, até que receba o sinal para desenvolver-se em uma célula especializada. A capacidade proliferativa combinada com a habilidade de torna-se especializada fazem delas células únicas". (BARTH, 2006, p. 27).

de 1998. O mesmo poder que encanta os cientistas também é fator de risco e incertezas, uma vez que os pesquisadores não sabem exatamente como conduzir o processo de diferenciação na direção desejada. Estudos recentes já confirmaram que esse poder de diferenciação das embrionárias pode levá-las a originar tumores como teratomas ou teratocarcinomas, além de problemas com rejeição. (THOMSON, 2006).

A polêmica emerge, no Brasil, em meio ao debate do Projeto de Lei enviado pelo Executivo a Câmara dos Deputados, no dia 31 de outubro de 2003, que versava sobre normas de segurança e fiscalização das atividades relativas aos Organismos Geneticamente Modificados (OGM). Cesarino (2006) descreveu como ocorreu a evolução argumentativa em relação ao debate no legislativo. A estratégia dos cientistas e seus apoiadores incluía primeiramente dar como certo o descarte desses embriões, logo eles não teriam utilidade alguma. Numa perspectiva utilitarista, a questão colocada foi: utilizar estes embriões em prol do desenvolvimento científico e do progresso social ou deixarem virar lixo², descartados pelas clínicas, mesmo que o descarte não fosse legal.

Outra estratégia foi promover a mudança de categoria reivindicando a alteração do termo embrião, por "pré-embrião"³, já que este estaria na fase blastocisto, ou seja, não correspondendo à "idade" do embrião implantado no útero da mulher. No entanto, a promessa de cura de doenças crônicas e degenerativas foi uma das estratégias mais utilizadas, opondo, inclusive, imagens de blastocistos, pessoas normais e pessoas portadoras de deficiências. Na realidade, não seria qualquer embrião em questão. O embrião coisificado, objetivado, que serviria de matéria-prima para as pesquisas ou seriam jogados no lixo. Defendeu-se o uso dos embriões supranumérico, não todos os embriões.

Os jornalistas que cobrem ciência e saúde lidam cada vez mais com as controvérsias, as quais evidenciam a insuficiência da chamada mitologia dos resultados para a cobertura jornalística desta dimensão do social (CASCAIS, 2003). Entretanto, pensar a divulgação e o jornalismo como elementos de uma complexa rede de produção e consolidação de conhecimentos é pensá-los para além da sua capacidade de difundirem informações provenientes de vozes autorizadas da ciência e da saúde, prática hegemônica que tem como lastro explicativo a crença de que apenas a informação é suficiente para mudar o comportamento e as opiniões dos indivíduos.

Latour (2001) defende que a comunicação e a participação dos pacientes, atores que extrapolam fisicamente o laboratório, constituem-se enquanto elementos essenciais para a produção do conhecimento científico, principalmente quando está em jogo situações de controvérsia, como o uso das células-tronco embrionárias para pesquisa. Nestas situações, os cientistas transladam interesses constantemente por que sabem que somente com a adesão de outros agentes é possível estabilizar os fatos, cessando a controvérsia. Sua assertiva é de que o sucesso científico está associado a uma rede heterogênea de elementos.

² Para diversos cientistas a utilização de embriões crioconservados em pesquisas com células-tronco é eticamente superior do que destruí-los ou simplesmente mantê-los congelados. A justificativa é de que isso seria um "sacrifício" nobre, uma vez que seriam utilizados para salvar vidas. Assim o uso de embriões poderia ser comparado a um "mal menor" já que o objetivo é tratar a saúde humana, aliviando ou sanando o sofrimento daqueles que já dispõem de vida plena, mas não consegue exercê-la em função de enfermidades para as quais a ciência não teria solução. (FAGOT-LARGEAULT, 2004, p. 231)

³ O termo pré-embrião corresponde ao estágio de desenvolvimento do embrião anterior ao aparecimento da chamada linha primitiva, que dará origem à medula espinhal. (LUNA, 2007)

Definida como “a interpretação dada pelos construtores de fatos aos seus interesses e das pessoas que eles alistam” (LATOURE, 2000, p.178), a translação integra várias estratégias. Por exemplo, fazer com que outros acreditem em uma afirmação de tal forma que o outro passe a considerá-la dele também por esta atender a seus interesses. Torna-se indispensável seria também uma translação. O modelo de translação não estabelece cisão entre ciência e sociedade. Prefere pensar o processo como “cadeias heterogêneas de associações que, de tempos em tempos, criam pontos de passagem” (LATOURE, 2000, p. 233).

Os cidadãos não se posicionam frente a uma controvérsia apenas em função das informações que recebem do jornalismo. As opiniões são fruto também das conversações que ocorrem na família, no trabalho e em outros círculos sociais, além dos interesses específicos dos grupos envolvidos. Entretanto, o jornalismo pode expor uma gama expressiva dos quadros culturais sobre a ciência e seus aliados, na medida em que ultrapassa a divulgação dos resultados e trabalha o contexto, os processos e as formas de produção do conhecimento científico, o que, em tese, auxiliaria nas possibilidades de participação pública na ciência. (BUCCHI; NERESINI, 2008).

Associações e enquadramentos ofertados pelas revistas

Escolheram-se para estudo as principais revistas semanais, não especializadas, em circulação no País (*Carta Capital*, *Veja*, *Isto É* e *Época*), no período de maio de 2005, mês em que o então Procurador Geral da República, Cláudio Fonteles, impetrou no STF, a Ação Direta de Inconstitucionalidade (ADIN 3510), a dezembro de 2008, sete meses após a decisão do Supremo quanto à questão. A opção pela análise do enquadramento (framing)⁴ da cobertura realizada pelas revistas supra citadas resultou na obtenção de um corpus de 79 materiais, assim distribuídos: *Época* com 23 materiais; *Isto É* com 24 materiais publicados; *Veja* com 21 materiais; *Carta Capital* identificados 11 materiais.

O uso da análise do enquadramento denota a aceitação, por parte de pesquisadores, de que a comunicação da ciência não se resume a tradução de conceitos ou temas da ciência para o público em geral, mas, sobretudo, é utilizado para analisar como os diversos setores sociais enquadram as controvérsias. Coube a Robert Entman (1993) a construção da formulação mais difundida sobre enquadramentos midiáticos. Entman definiu assim:

Enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e torná-los mais salientes em um texto comunicativo, de tal forma a promover uma determinada definição do problema, uma interpretação casual, uma avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento (Entman, 1993, p.52, grifos no original, tradução nossa).

A biotecnologia é uma área em que o uso do enquadramento como ferramenta analítica cresceu significativamente nos últimos 30 anos. Neste período, a manipulação genética mais precisa e mais potente dos organismos vivos ampliou suas aplicações. Técnicas de reprodução, como reprodução *in vitro*, células-tronco, armas biológicas, terapias genéticas, novos fármacos

⁴ Os estudos do enquadramento (*framing*) aparecem como uma possibilidade analítica dos meios de comunicação que ultrapassam o paradigma da manipulação. No jornalismo, estes estudos que emergem após o lançamento de *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience* de Erving Goffman, em 1974, também permitem aos pesquisadores fugirem da falsa dicotomia entre objetividade e subjetividade na construção dos textos jornalísticos. O enquadramento também vem sendo usado por pesquisadores americanos e europeus, principalmente, para análise de disputas públicas, que envolvam embates nos meios de comunicação sobre posições políticas, que acionam a opinião pública (REESE, 2001).

e vacinas ganham destaque ao lado de temas bastante polêmicos como clonagem humana e plantas geneticamente modificadas (NISBET;LEWENSTEIN, 2002).

Em relação aos quadros da ciência, o “progresso científico”, que é uma espécie de celebração do desenvolvimento científico, da inovação, foi dominante desde as análises feitas nos anos de 1970. Este quadro do progresso científico reforçou a ideia de que a pesquisa e desenvolvimento estão atrelados ao progresso e que o progresso científico desemboca naturalmente no progresso social, minimizando as questões de responsabilidade, escolhas, prioridades e regulamentação.

Para este artigo tomou-se, em termos de analíticos, os seguintes enquadramentos, de acordo com roteiro de investigação de quadros sugerido por Soares (2006), conforme descrito no quadro 1.

Progresso científico	Trata da descrição das bases científicas e médicas das pesquisas, da celebração dos novos conhecimentos, das descobertas, do anúncio das novas terapias, dos resultados de ensaios clínicos.
Ético e Moral	Apresenta princípios éticos; diz respeito a julgamentos entre certo e errado; aponta para as fronteiras e os limites, não técnicos, da ciência; julga a aceitabilidade dos riscos conhecidos; destaca posições da bioética; discute as consequências do progresso científico; coloca em debate a natureza, os valores e condições do humano e da vida.; recorre a exemplos históricos do Nazismo, eugenia.
Político e Administrativo	Foco na necessidade de controle público em relação às pesquisas; estabelecimento de regulamentação específica para estas pesquisas, exigência de participação nas decisões públicas sobre as pesquisas; propostas de modelos de decisão; discussão sobre a legalidade de uma norma, legislação internacional sobre o uso de embriões para pesquisas.
Incerteza Técnica e Riscos	Dar ênfase nas questões que precisam ser resolvidas do ponto de vista dos especialistas, definindo-os como os responsáveis pela resolução dos problemas ou redução dos riscos. Não apresentam estes elementos como limites ou barreiras à atividade dos cientistas.

Quadro 1: Enquadramentos da ciência e tecnologia

Resultados e Discussão Pacientes: aliados atuantes na controvérsia

Em relação às fontes explicitadas nas reportagens, foram registradas a ocorrência de 191 declarações ou registro do jornalista em relação a um indivíduo ou instituição por meio de comunicados oficiais. Não consideramos fontes, neste caso os artigos científicos, nem os pesquisadores que foram apenas mencionados no texto. Os pesquisadores foram os principais protagonistas da cobertura, com o registro de 128 ocorrências, o que equivale a 67% do total. Outro conjunto de agentes que marcaram presença na cobertura sobre as células-tronco foram os pacientes, com 38 inserções, o equivalente a 19,9%. Com pouco menos da metade

aparecem às fontes jurídicas, a maioria ministros do Supremo, com 14 ocorrências, seguidos das fontes da bioética (7), religiosa (3) e econômica (1), conforme descrito no gráfico 1.

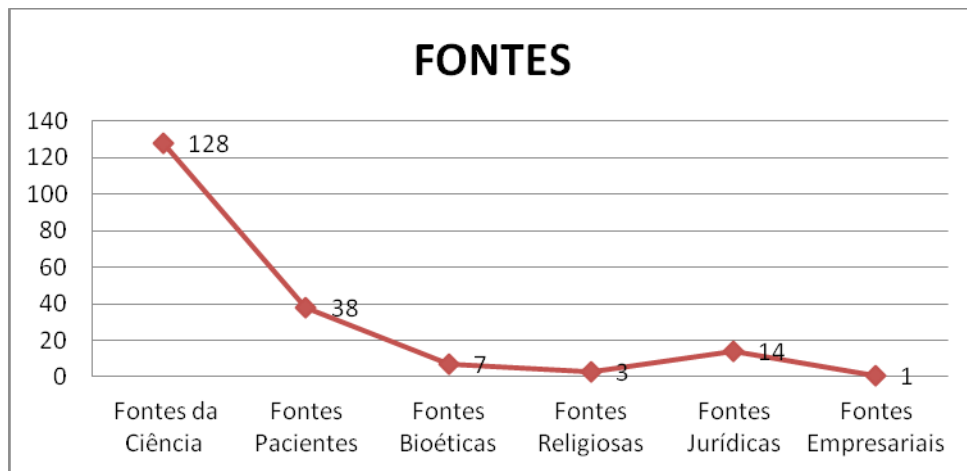


Gráfico 1: Ocorrência de fontes por tipos

Entre os grupos de aliados dos cientistas na controvérsia sobre as células-tronco embrionárias, a cobertura das revistas indica que os pacientes foram os que mais manifestaram adesão, praticamente irrestrita, ao quadro progresso científico, conforme visualizado no gráfico 2. De certo que os jornalistas optaram por entrevistar aqueles pacientes e seus familiares que obtiveram melhoras com os transplantes de células-tronco adultas. Possivelmente, caso as fontes escolhidas fossem outras, entre aqueles que não lograram melhora, haveria a possibilidade de outras interpretações emergirem. Não foi o que aconteceu. As reportagens com maior volume de textos e fotos entre os materiais analisado foram realizadas com a presença de pacientes, suas histórias, dramas para viver o cotidiano e exemplos de superação, após os experimentos. Indicativo do valor noticioso que os depoimentos do pacientes tiveram é o fato de que todas as quatro reportagens de capa sobre células-tronco foram construídas com base nestas histórias.

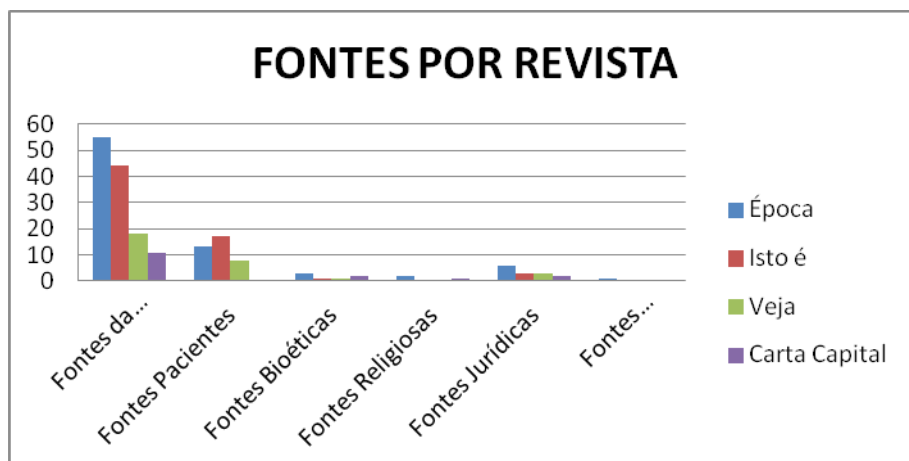


Gráfico 2: Número de fontes por tipos e por revista

Imagens de cadeirantes, crianças brincando nos parques, bebês sorrindo, pessoas que recuperaram movimentos alegres acompanham os textos dos jornalistas, que impressionados, ressaltaram as transformações objetivando sensibilizar os leitores, ampliando o tom emocional que os depoimentos trazem, conforme pode ser observado nos trechos abaixo.

'Giuliano não sentia absolutamente nada do pescoço para baixo. Socorrido pela namorada e pelos pais, o rapaz foi levado para um hospital da região. O diagnóstico: **fratura de duas vértebras da coluna cervical. Ele estava tetraplégico**. Os meses seguintes foram de adaptação e preocupação. A saúde de Giuliano tornou-se frágil. Os resfriados eram constantes, bem como as escaras causadas pela falta de mobilidade. **Em 2003, ele foi um dos selecionados para receber um transplante de células-tronco extraídas de sua própria medula óssea. Hoje Giuliano recuperou parte da sensibilidade das pernas e dos dedos dos pés. Em 22 de outubro passado, com a ajuda de um andador, conseguiu esperar de pé, no altar, pela chegada da noiva, Audrei, a namorada que estava com ele no momento do acidente. 'Sinto que essas conquistas foram possíveis graças às células-tronco', diz o rapaz**'. (Neiva, 2005, grifos nosso).

A narrativa de superação com ajuda das células-tronco praticamente estabelece um script muito semelhante entre as reportagens. Está explícito ou implícito o raciocínio de que a ciência avançou, de que as células-tronco são realidade, de que são fatos reais em vias de estabilização e que já transformam em realidade sonhos dos pacientes e potencialmente de muitos outros. Geralmente são iniciadas com a narração da história pelo jornalista de como o "paciente" sofreu o trauma, em casos de acidentes, ou como passou a apresentar os primeiros sintomas da doença, no caso de doenças genéticas e degenerativas. Na sequência, a explicação, em termos didáticos, sobre o que são células-tronco, suas potencialidades e fontes de obtenção. As histórias de outros personagens são retomadas e intercaladas, com descrições das doenças e com detalhes dos procedimentos, além de depoimentos de pesquisadores responsáveis pelos ensaios clínicos. Ambas as histórias são concluídas com final feliz. Também é em relação a este grupo, na maioria das vezes, imaginado, que a ocorrência de palavras como esperança, doença, cura, terapia, transplante está mais presente nos discursos dos jornalistas e nas citações dos pesquisadores e dos próprios pacientes.

'Tetraplégica desde 1994 após um acidente, ela está entre os poucos que apresentam melhora significativa. 'Tive aumento do tônus muscular, da sensibilidade à dor e da consciência corporal', diz'(PEREIRA;TARANTINO, 2007, grifo nosso).

A *Veja* foi a revista que explorou inicialmente a associação entre pacientes e o progresso científico. Mas, em termos de inserções e da exploração de imagens, principalmente de crianças, nas suas reportagens especiais, a revista Isto É recorreu, com mais assiduidade, a este expediente. Foram cinco reportagens desta natureza. Inicialmente a exposição maior foi de modo a ressaltar os primeiros resultados das terapias realizadas no país, principalmente nas áreas de cardiologia, diabetes e traumas na coluna cervical. O trecho acima é da reportagem "O sucesso das células tronco", que é um bom exemplo neste sentido. Ao anunciar a criação de células embrionárias a partir da pele, os jornalistas elencaram diversos experimentos bem sucedidos com células-tronco adultas e do cordão umbilical e os pacientes atuam como "figurantes de luxo", emprestando suas histórias e ratificando as falas dos pesquisadores, como demonstrado também em dois trechos abaixo da mesma reportagem.

'Belos avanços também são registrados pelo imunologista Júlio Voltarelli, em Ribeirão Preto (SP), no tratamento da diabete tipo 1. Nesta versão da doença, células de defesa do corpo atacam as células que produzem insulina. Por isso, células-tronco são usadas para 'refazer Chaa fábrica' de células de defesa, impedindo que continue a produzir células defeituosas. **Um dos beneficiados é o estudante Leandro Ferreira, 18 anos**. Ele fez o procedimento há um ano e agora usa doses muito menores de insulina. **Meu corpo**

produz 80% da insulina de que preciso, conta, satisfeito’. (PEREIRA; TARANTINO, 2007, grifo nosso).

Observou-se que dos seis pacientes ou parentes entrevistados e explicitados na reportagem acima nenhum foi convidado a se inserir na controvérsia ou a fazer qualquer avaliação, além do testemunho em relação a sua situação particular. Com a diferença por ter acentuado mais o quadro de incerteza técnica à reportagem “Por dentro dos novos tratamentos com células-tronco” também levam a controvérsia até os sete pacientes entrevistados, conforme indicado nos trechos abaixo.

‘Os pesquisadores também observaram um aumento na produção de insulina nos pacientes que receberam as células-tronco. **‘Não só o sistema imune deixou de atacar o pâncreas, como algumas células do órgão também aumentaram a produção de insulina. Por isso, pode ter havido uma regeneração’**, diz Voltarelli’ (SEGATTO; BUSCATO, 2007, grifo nosso).

A reportagem citada acima está dividida em duas seções. A primeira apresenta a controvérsia e as incertezas que cercam os experimentos e acaba por mostrar um fato científico em desequilíbrio. Na segunda parte, apenas os experimentos bem sucedidos. Nesta os pacientes também aparecem como testemunhas do progresso, praticamente sem questionamentos. Assim, pode-se afirmar que os primeiros usos dos pacientes enquanto fontes não fazem associação direta entre a melhora destes pacientes e o risco em perdê-la em função do julgamento da controvérsia pelo STF. Certamente, esta situação era facilitada porque a controvérsia pública e jurídica não envolvia as células-tronco adultas, as quais foram utilizadas nos ensaios clínicos, e por isso havia uma barreira de conexão lógica que impediu tal associação. Em suma, os interesses imediatos dos pacientes que foram expor suas esperanças nas células-tronco, em tese, não estavam em perigo no julgamento porque estas células eram de fonte não controversa.

O quadro ético pela perspectiva dos pacientes

Outros pacientes mais organizados, enquanto grupo de pressão, frequentaram as revistas em defesa das células-tronco, particularmente as embrionárias. Estes “pacientes” não eram efetivamente pacientes porque não havia qualquer ensaio clínico no mundo com células-tronco embrionárias. No entanto, entram na controvérsia, em apoio aos pesquisadores, para que um dia pudesse ser. São os portadores de doenças genéticas que não podem usar células-tronco adultas extraídas do próprio corpo, uma vez que o “defeito” genético está presente em todas as células do indivíduo. Estes “pacientes” atuaram enquanto indivíduos e enquanto coletivo. Juntaram-se a estes, os “pacientes” vítimas de doenças como Parkinson, Alzheimer, lesões medulares, entre outras. Os grupos de pacientes construíram um movimento na mídia que se aproximou da idéia de participação pública na ciência, mas próximo, do que defendera Bucchi e Neresin (2008), mesmo estando com seus propósitos completamente atrelados aos dos pesquisadores.

A novidade é que além do progresso, estes pacientes acionam também o quadro ético e o político, assim como o fez Mayana Zatz, numa demonstração de translação de interesses: os pesquisadores precisam da autorização do STF para desenvolver seu trabalho e continuar prometendo cura. Os “pacientes” precisam da expectativa de cura, que somente a terá se o trabalho dos cientistas não for interrompido, ou constrangido. As trocas são mútuas. Por

consequente, a presença dos “pacientes” na controvérsia vai tornando-se mais explícita a medida que o julgamento se aproxima e com ele o predomínio da associação dos quadros progresso e político.

‘Os pacientes não podem esperar, porque a doença não espera, diz Gabriela’ (SEGATTO, 2008, grifo nosso).

‘A luta dos religiosos contra os pacientes que precisam das pesquisas é injusta’, diz Valdir Timóteo. Ele ficou paraplégico há oito anos por causa de um acidente de carro. **A Igreja é um império que tem acesso às autoridades de todo o país e faz valer sua vontade. Os doentes acamados são invisíveis. Ninguém sabe que eles existem’** (SEGATTO, 2008, grifo nosso).

As duas primeiras citações são da reportagem “E Gabriela ainda espera”, publicada pela revista Época em 10 de março, dias após a suspensão da sessão do julgamento, em função do pedido de vistas pelo ministro do STF, Carlos Alberto Menezes Direito. Todo o texto é confeccionado em função das reações, apreensões e expectativas de Gabriela Costa, uma jovem de 32 anos que perdeu parte dos movimentos devido a apresentação dos sintomas da distrofia muscular, uma doença genética. O segundo depoimento é de Valdir Timóteo, que vive em cadeiras de rodas em consequência de um acidente de carro e declarou, segundo as jornalistas, “que a esperança dos pacientes e o desenvolvimento da ciência não podem ser sufocados por uma minoria”. Este texto está em sintonia com a posição das jornalistas, que afirmaram: “Os cientistas só terão certeza se tiverem a liberdade de pesquisar” e “Os dois cientistas só puderam chegar a essa invenção porque tiveram a liberdade de trabalhar com embriões”. Ou seja, em meio a uma decisão importante para os cientistas que atuam com células-tronco no país e que pretendiam iniciar ou dar continuidade às pesquisas com embrionárias no País, as principais fontes da reportagem eram “pacientes”. Na revista que mais explicitou fontes consideradas científicas, os “pacientes” foram os porta-vozes da ciência. Eles não estavam ali para propagar as maravilhas que representavam as células-tronco embrionárias, numa exaltação pura e simples do progresso. Estavam como aliados dos cientistas, proferindo um discurso de engajamento político.

O quadro do progresso, nesta situação assumido pelas jornalistas, foi combinado fortemente com os quadros ético e político. O dispositivo de raciocínio ativado aqui é o seguinte: o adiamento do julgamento colocou em risco a vida humana de milhares de pessoas que lutam por uma vida digna e tem nas células-tronco embrionárias a esperança de viver e viver melhor. E pior: este adiamento teve como base meras convicções religiosas de um juiz que é “membro da União dos Juristas Católicos do Rio de Janeiro”, quando deveria estar atuando com base na razão do Direito. A combinação destes dois quadros (progresso e político), com inserções da ética na perspectiva dos apoiadores das pesquisas com embriões (da vida x vida) dominou esta última fase do desfecho da controvérsia em termos jurídicos. Entre os pacientes, fora o Movitae (Movimento em Prol a Vida), que melhor articulou esta combinação na cobertura das revistas.

‘ÉPOCA – A liberação das pesquisas com embriões representaria a afirmação do Estado laico brasileiro? Marisa - **O Estado deve ser compassivo e democrático. Caso contrário, corre o risco de pregar a intolerância. E estamos falando de vida, de um movimento que apóia a vida, que luta pela melhoria da qualidade de vida’.** (SEGATTO, 2007, grifo nosso).

Os trechos citados acima são da entrevista concedida à Revista *Época*, em 2 de abril de 2007. Na expectativa de que o julgamento pelo STF ocorresse naquele ano, Marisa Moreira Salles, esposa de Pedro Moreira Salles, presidente do então Unibanco e portador de distrofia muscular, sintetizou bem a associação de ética (vida), progresso (esperança) e político (Estado Democrático). Em outras palavras, sua defesa foi de que em um Estado democrático, guiado por valores, que não os religiosos, o que deveria ser garantido é a liberdade da pesquisa científica, para que possa ser possibilitada a esperança de vida dos pacientes, não dos blastocistos. A expressão "Estado Laico", inserida pelo jornalista no questionamento feito à entrevistada, conduziu, quer seja de forma explícita ou não, a disputa e combinações de quadros na última fase da controvérsia.

Tanto *Época* quanto Isto optou por explicitar nas reportagens sobre o julgamento o quadro ético e as consequências da decisão na melhora da vida dos "pacientes". A Isto *É*, que deu reportagem de capa "Células-tronco: uma nova chance de vida", explorando imagens de crianças, iniciou assim sua exposição:

'João Pedro, Júlia, Marcos, Ingrid, Claudécir, Denis, Anderson e Kathy. Para esses brasileiros e também para outros milhares de cidadãos, a semana passada foi inesquecível. Ela ficará marcada como o tempo em que **a esperança renasceu com força dentro de cada um**. Todos são portadores de alguma doença que, no futuro, **poderá ser tratada**, e quem sabe curada, com terapias realizadas a partir de células-tronco embrionárias – estruturas versáteis capazes de gerar qualquer tecido do corpo' (PEREIRA, 2008, grifo nosso).

Em *Época*, a reportagem "O fim da discussão, o início das pesquisas também passa a dar o fato como estabilizado, percebendo o julgamento como vitória da vida. Nesta perspectiva os "pacientes" são os porta-vozes, os que explicitam este quadro, a ponto da vitória ser relacionada a eles e não diretamente aos cientistas. A principal foto, por exemplo, é o cadeirante Aurílio de Souza Coelho, acompanhado de sua esposa, na entrada do STF, destacando: "Agora tenho esperança de ver as pesquisas começar".

'**Instalado atrás da última fileira do auditório, o único lugar capaz de acomodar os cadeirantes, Aurilio de Sousa Coelho, piauiense criado na capital paulista, permaneceu inabalável**'. Está acostumado a esperar. [...] O resultado também fez história. No julgamento em que o presidente Gilmar Mendes tinha a bandeira brasileira e o brasão da República à direita e o Cristo crucificado à esquerda, **o Supremo reafirmou a separação entre Estado e Igreja**. 'O direito não se submete à religião', disse Celso de Mello' (SEGATO, 2008, grifo nosso).

Típico de momentos de sínteses, as reportagens sobre o encerramento da controvérsia jurídica trouxeram diversos aspectos dos quadros e de seus dispositivos de enquadramento. Note-se, por exemplo, que em Isto *É* há a associação entre a "liberação" das pesquisas, a esperança dos "pacientes" e o progresso científico, como se a ciência, a partir daquele momento pudesse seguir seu curso natural, sem qualquer barreira, impedimento. Em *Época*, à esperança de vida dos "pacientes", adicionaram-se os elementos do quadro político, de separação entre Estado e religião. A esperança, algo do plano não material, não poderia ser garantida pela religião. A ciência seria seu estandarte, com a aproximação com a liberdade individual e o progresso científico. Aqui ocorreu o que Gamson e Modigliani (1989) denominaram de ressonância cultural. Ou seja, os patrocinadores vão buscar expressões que tenham grande poder cultural, que ressoem socialmente e as associam aos seus quadros e, quando estas combinações são

aceitam, ampliam o poder deste quadro. As linhas de separação entre ciência, liberdade e democracia foram borradas. Ambos foram acionadas, em conjunto, nesta cobertura.

Considerações Finais

A força que o quadro de progresso possui na compreensão pública da ciência demonstrou-se na análise. A presença em praticamente todos os materiais foi um indicativo deste poder cultural, já que este quadro é um dos constructos sociais de maior persistência, sendo o mais difundido por jornalistas, pesquisadores, “pacientes” e pacientes. Mais do que a simples identificação e quantificação, foi apontar os movimentos de translação de interesses e de ativação da rede social que os cientistas fizeram na controvérsia.

A presença constante dos cientistas e dos pacientes nos meios de comunicação, enquanto agentes interessados na controvérsia, também indica as novas associações que emergem em função dos laços biológicos identificados e propagados pela ciência. E, ao mesmo tempo, reforça a tese de autores como Latour (2000, 2001) de que os fatos científicos não são simplesmente estabilizados nos laboratórios.

Nessa operação complexa de translação de interesse, decisivo, neste caso, foi a capacidade que os cientistas e seus aliados tiveram de acionar quadros com alta ressonância cultural como o progresso científico, associando-o a *master frames* como a liberdade. Das experiências de vida emprestadas para compor as narrativas de superação das adversidades, verdadeiras odisseias, do apoio contido às pesquisas e aos cientistas à participação política: os pacientes fizeram parte da controvérsia das células-tronco embrionárias, construída e narrada pelas revistas semanais brasileiras. Os pacientes foram elementos indispensáveis para a afirmação do quadro de progresso e da manutenção da esperança na ciência.

Referências

Abramovay, R. Bem-vindo ao mundo da controvérsia. In: VEIGA, J. E. (Org.). **Transgênicos: sementes da discórdia**. São Paulo: Ed. Senac, 2007. p.130-155.

BARTH, W. L. **Células-tronco e a bioética: o progresso biomédico e os desafios éticos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

Bucchi, M.; Neresini, F. Science and Public Participation. In: HACKETT, E. J. et al. (Org.). **The Handbook of Science and Technology Studies**. London: Library of Congress Cataloging, 2008.

CASCAIS, A. F. Divulgação Científica: a Mitologia dos Resultados. In: SOUSA, C. M. et al. (Org.). **A comunicação pública da ciência**. Taubaté, SP: Cabral Editora; Livraria Universitária, 2003. p. 65-78.

CESARINO, L. **Acendendo as luzes da ciência para iluminar o caminho do progresso: uma análise simétrica da Lei de Biossegurança brasileira**. 2006. Dissertação (Mestrado) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2006.

ENTMAN, R. M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, New York, v.43, n.4, p.51-58, 1993.

FAGOT-LARGEAULT, A. Embriões, células-tronco e terapias celulares: questões filosóficas e antropológicas. **Estud. av.** v. 18, n. 51, p. 227-245, 2004.

GAMSON, W. A.; MODIGLIANI, A. Media discourse and public opinion on nuclear power: a constructionist approach. **The American Journal of Sociology.** v. 95, n.1, p. 1-37, 1989.

LATOUR, B. **A Esperança de Pandora:** ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

LATOUR, B. **Ciência em Ação:** como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

LAW, J. **O laboratório e suas redes.** Disponível em <<http://www.necso.ufrj.br/Trads/O%20laboratorio%20e%20suas%20redes.rtf>>. Acesso em: 10 jun. 2008.

LUNA, N. Células-tronco: pesquisa básica em saúde, da ética à panacéia. **Interface,** Botucatu, SP. v. 11, n. 23, p. 587-604, 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v11n23/a13v1123.pdf>>. Acesso em: 05 jun. 2010.

MONTEIRO, M. G. M. F. **O cientista, a imprensa e a comunicação pública da ciência.** Unisinos. Disponível em: <http://www.unirevista.unisinos.br/_pdf/UNIrev_FMonteiro.PDF>. Acesso em: 10 fev. 2009.

Neiva, P. Células que salvam vidas. **Veja.** Edição 1932, 23 nov. 2005.

NISBET, M.C.; LEWENSTEIN, B.V. Biotechnology and the American media: the policy process and the elite press, 1970 to 1999. **Science Communication.** v.23, n.4, p. 359-391, 2002.

OKARMA, T. B. As células-tronco embrionárias humanas: elementos básicos sobre a tecnologia e suas implicações médicas. In: HOLLAND, S. et al. **As células-tronco embrionárias em debate.** São Paulo: Loyola, 2006, p.3-14.

PEREIRA C; TARANTINO, M. O sucesso das células tronco. **Isto É.** Edição 1987, 28 nov. 2007.

PEREIRA, C. et al. Uma nova chance para eles. **Isto É.** Edição: 2013, 4 jun. 2008.

PEREIRA, L. V. A importância do uso das células-tronco para a saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva,** Rio de Janeiro, v. 13, p. 7-14, jan.-fev. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v13n1/01.pdf>> . Acesso em: 07 maio 2009.

REESE, S. D. Prologue - framing public life: a bridging model for media research. In:

REESE, S. D.; GANDY JR., H. G.; GRANT, A. E. (Ed.). **Framing public life: perspectives on media and our understanding of the social life.** New Jersey: Lawrence Erlbaum Publishers, 2001. p.7-31.

SEGATO, C. O fim da discussão, o início das pesquisas. **Época,** Edição 524, 2 jun. 2008.

SEGATTO, C. E Gabriela ainda espera. **Época,** Edição 512, 10 mar. 2008.

SEGATTO, C; BUSCATO, M. Por dentro dos novos tratamentos com células-tronco. **Época,** Edição 475, 25 jun. 2007.

SOARES, M. C. Análise de enquadramento. In: DUARTE, J.; BARROS, A. (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

THOMSON, J. A. As células-tronco embrionárias. In: HOLLAND, Suzanne et al. **As células-tronco embrionárias em debate**. São Paulo: Loyola, 2006. p. 15-26.

Recebido em: 31/10/2012

Aceito em: 28/11/2012